

## Metodologias e Histórias africanas no contexto escolar:

### Uma visão docente na escola.

O artigo tem como objetivo elucidar sobre o tema: a África na sala de aula, desmistificando alguns preconceitos dos jovens, além de elencar práticas metodológicas que consigam implementar o currículo afro brasileiro dentro de nossa sociedade, enaltecendo nossa cultura, costumes, danças, tradições de memórias e através da história que teve sua origem nas sociedades africanas, diminuindo assim o racismo. Para desenvolvermos práticas metodológicas, precisamos criar um ambiente propício para a assimilação da oralidade obtidas pelos ancestrais, tão comum nas sociedades de raízes africanas. A lei 10639/3 vem alavancar as mudanças ocorridas na última década, assim como incluir a matriz africana no currículo escolar a partir do eixo temático que estabelece o ensino de história do Brasil com amplitude da cultura africana.

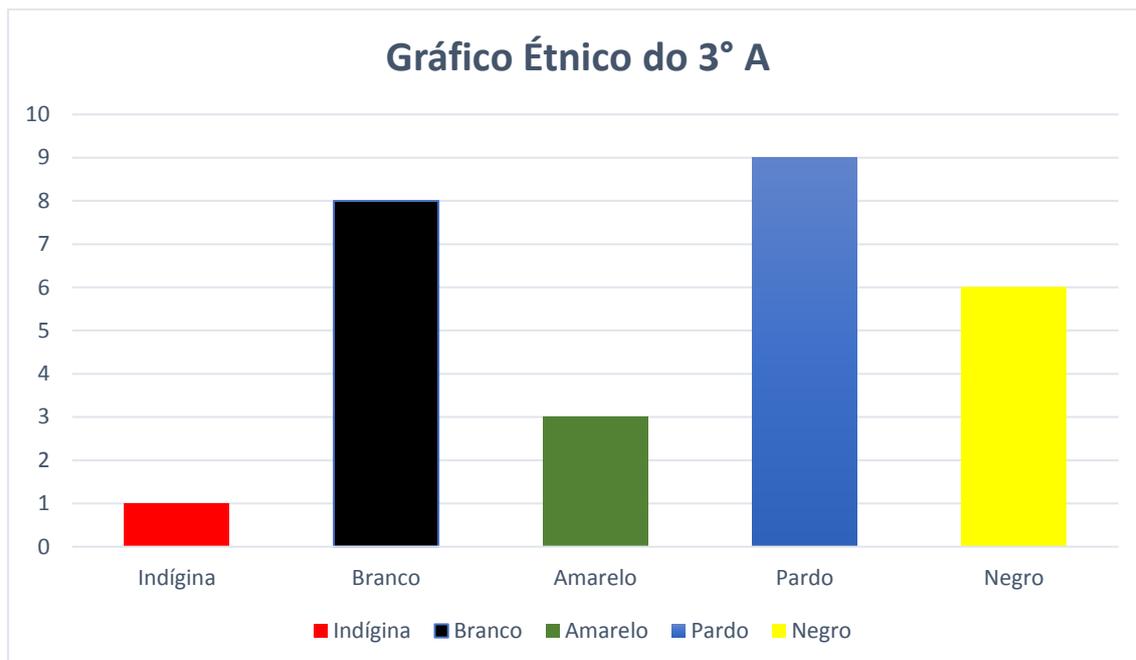
O relato de experiência com as turmas de fundamental e ensino médio da EE Doutor Reynaldo Falleiros, contou com um olhar mais crítico para com os jovens que estão matriculados na mesma instituição e vinham demonstrando uma crise de identidade com suas raízes afro-brasileiras. Uma sondagem diagnóstica e um relatório feitos para nivelamento de conhecimento prévio, trouxe um resultado no qual causou uma inquietação em uma das determinadas turmas. Boa parte das alunas não responderam o relatório diagnóstico. A partir do resultado que se configurou em um gráfico, foi necessário um projeto denominado Estudos Brasileiros e Africanos, temática que norteou as práticas de valorização a cultura africana em sala de aula, trazendo aos jovens informações e acesso à cultura africana através de excursão cultural, exposição de filme e debates sobre a temática: cultura brasileira e africanidades. As ações contaram com interações entre as turmas, disponibilidade dos gestores e mudança nos planos de ensino. A sistematização do projeto se estendeu por dois bimestres, para que as turmas tivessem contato com a nova modalidade de se estudar algumas curiosidades de países africanos.

As práticas de ensino e pesquisas, assim como as estratégias do quais potencializaram um novo olhar sobre os planos de ensino, criando espaços de debate e discussões acerca da memória e identidade da cultura brasileira, diminuindo assim, o preconceito em relação ao Continente Africano e os países que o compõem.

## Desenvolvimento

Os trabalhos com temáticas africanas visavam uma abordagem cultural que trouxesse às turmas uma identificação étnica e para tal foram elencados autores que tem suas pesquisas a negritude e a diminuição do racismo nas escolas demasiando a aceitação do povo afrodescendente do nosso país.

Para as turmas do terceiro ano, um gráfico étnico foi solicitado para que a própria turma se desenvolvesse no contexto do “terceiro ano A” do referido ano de 2019, matriculados no primeiro bimestre.



### Questões para sensibilizar

- 1- O que fez você se sentir a um determinado grupo étnico?  
Resposta um: Por minha cor de pele.  
Resposta dois: Nada pois não devemos ter vergonha de nossa etnia.
- 2- No seu espaço social comum, você também se autodeclara da mesma forma que na escola?  
Resposta 1: Sim, declaro.  
Resposta 2: Na minha casa eu me considero.
- 3- Você se considera racista?  
Resposta 1: Não.  
Resposta 2: Me considero, mas acredito que todos nós somos um pouco racistas.
- 4- Qual a razão para se sentir ou sentir que pertence a determinado grupo étnico?  
Resposta 1: Por eu não ter outros traços, como indígena e etc.  
Resposta 2: Eu me sinto branco pois eu sempre fui dessa cor.
- 5- Na sua opinião a sociedade brasileira ainda é racista? Caso sim faça um percentual?  
Resposta 1: Sim, a maioria da sociedade ainda é racista. 90%.  
Resposta 2: Sim, raramente você vai encontrar alguém que não é racista. 99%.

Tratando sobre escravidão.

A temática escravidão foi trabalhada no 3ºA de forma a desmitificar o Indígena, o negro e o branco valorizando o ser humano como protagonista de suas ações revisitando assim suas vivências.

Aluno 1:

A escravidão de resistência ou submissão?

A escravidão foi de resistência, mas não como conta a história, pois como sempre tudo é relatado pelos vencedores e não encontramos a parte real dos fatos. Sim, houve a escravidão, mas vocês acham mesmo que foi tudo tão simples assim? Acham que os portugueses chegarão e escravizarão nossos índios sem ao menos eles brigarem? Será mesmo que os brancos renderam o povo negro sem que eles revidassem? Bom, acho que não, a resistência aconteceu sim, mas não é contada e vangloriada como a história dos escravistas.

Para que a turma do 9º ano A entendesse um fato histórico ocorrido no século passado passei uma sinopse do filme o qual destaca a supremacia da Bélgica sob Ruanda e para a avaliação foi solicitado um relatório simples e obtive resultados surpreendentes.

### RESENHA DO FILME HOTEL RUANDA

A turma matriculada na Escola Reynaldo do Nascimento Falleiros e muito falante e crítica, desafiando o conhecimento; gostam de excursões extraclasse e após sondagem iniciais percebi que trazer informações de Guerra Civil seria muito interessante para o desenvolvimento do aprendizado da turma. O filme escolhido foi Hotel Ruanda o qual traz como temática a Guerra civil entre os Tutsi, Hutu e o protagonista Paul, um gerente do hotel que milita em favor de um povo que é de outra etnia.

A trama se desenrola quando Paul percebe que sua descendência foi quase que extinta, pode se notar o desespero quando ele se dá conta de que sua memória e história iam se perder. A turma entendeu a proposta da professora e a maioria entregaram relatos excelentes. A partir dos trabalhos, falar de Guerra Civil ficou muito mais fácil.

Aluno 1:

1- Qual foi o assunto principal do filme?

A guerra civil

2- Que tipo de guerra narra o filme?

Uma guerra entre partidos e grupos políticos

3- Que grupos lutam em Ruanda?

São os Tutsi e Hutu

4- Qual o país invadido politicamente no confronto em Ruanda?

Bélgica.

5- Que tipo de mensagem trouxe o filme?

O filme mostrou a realidade de uma guerra civil entre grupos que foram colocados um contra o outro, pela Bélgica que tinha seus próprios interesses políticos e econômicos.

Aluno 2:

Uma guerra entre partidos e grupos políticos. O filme mostrou a realidade de uma guerra civil, entre grupos que foram colocados em um centro ou outro por país que queriam após o principal país envolvido é a Bélgica.

## **O RACISMO SOB UM OLHAR DISCENTE E DOCENTE**

Através de uma conversa em roda, uma aluna quis relatar um assunto vivido na infância durante os primeiros anos escolares que havia superado, e pediu permissão para narrar em temáticas escolares e acadêmicas, permitindo-me assim relatar o ocorrido em anonimato.

Relato de uma aluna:

“Eu tinha nove anos tinha cabelos bem crespos usava óculos um pouco gordinha. Percebia a distância das meninas da minha sala e muitas vezes elas me ignoravam. Nunca era escolhida para fazer parte de grupos de pesquisa e trabalho e a professora sempre conseguia me colocar a força em grupos já fechados. O racismo nem sempre é claro ou com palavras percebemos que somos rejeitados quando riem de algo que falamos mesmo que seja falado com sinceridade, quando nossas vestes causam estranheza ou quando não somos aceitos de forma natural.

Um dia cheguei em casa e minha mãe que sempre me demonstrou um grande amor me ouviu e pediu para eu fosse até a direção e contasse o que estava acontecendo. Ao me dirigir a diretora essa me rotulou de exagerada e não acreditou, no mesmo dia disse a elas tudo que sentia e elas começaram a me respeitar.

Hoje já não sinto necessidade de ser aceita, pois já sou importante e tenho uma mãe que me apoia um pai que me ensinou ser correta e sou consciente da minha cor, ser negra não é obstáculo para seguir meus sonhos pois conforme a professora cotou na aula os povos africanos travaram lutas de resistência durante muitos séculos”.

Abordando o mesmo assunto de narrações, recebi o depoimento de uma ex-aluna que possui uma filha matriculada na mesma escola onde estudou:

“Meu nome é Maria Antônia, sou mãe de uma aluna do Ensino Médio (Stella), nasci um pouco de longe de São Paulo em Porangaba, município de São Paulo e sou umas das filhas de um casal que teve 13 filhos. Fui educada de forma rígida como quase já não acontece, os meus pais eram católicos e passaram muito da religião para os filhos, meu pai se chamava Tarcísio e minha mãe Amália e era doce e carinhosa.

Quando tinha 21 anos me casei com Valdo meu primeiro esposo e quando eu já era mãe da minha primeira filha minha mãe faleceu e eu fiquei triste durante muito tempo, hoje me sinto um pouco conformada com a realidade e com a luta que vivi da parte de minha mãe.

Após alguns anos quando minha vida foi seguindo, eu tive mais três filhos e já eram 4 minhas crianças quando meu esposo muito jovem morreu de forma

súbita, foi muito difícil para eu ficar viúva tão jovem e na época eu já morava em São Paulo, acabar de criar meus filhos foi um pouco pesado e só me casei de novo após muitos e anos, logo depois a Stella nasceu.

O que mais valorizo na minha vida é Deus e minha família. Meu maior sonho é continuar trabalhando como já trabalho para compra um terreno para que eu, filhos, noras, genros... Seja uma só família. Gostei de contar um pouco da minha história, pois sei que a cultura afrodescendente tem uma grande importância em nosso país, por esse motivo tenho orgulho da minha cor e convicções religiosas”.

Outros depoimentos de alunos

Aluna 1:

“Me lembro que quando pequena brincava de amarelinha, elefante colorido e jogos de culinária na Internet. Outra diversão que eu tinha era ler o gibi “Turma da Monica”, além de brincar de professora. Na escola brincava sempre de vivo de morto.”

Aluna 2:

“Adoro recordar minha infância bem ela foi bem tranquila, lembro brincando de boneca, pique - esconde e rouba bandeira (com os meninos na rua da minha casa) eles eram vizinhos próximos. Eu não morava em Taboão da Serra naquela época pois vivia onde nasci Recife – Pernambuco. Lá minha casa era bem grande mais o quintal não, então todos nós gostávamos de brincar na rua, eu tinha muitas amigas para brincar e minhas primas também brincavam, bom tempo aquele!”

Aluno 3:

“A minha infância foi bem divertida eu tinha muitos amigos. Eu gostava de brincar dentro de casa com meus carinhos e bonecos de coleção. Sempre apostava corrida com meus primos. Na rua eu jogava bola e esconde – esconde, eu era muito feliz brincando.”

Aluna 4:

“Na minha infância eu convivia com meus avós maternos, meu pai, mãe e irmãos. Sempre convivi com minha família toda mais meus maiores laços de amor foram criados pela minha avó (Sandra) e pelo meu avô (Edson), afinal foram eles que sempre me criaram e me deram amor em boa parte da minha infância.

Com certeza um dos fatos mais marcantes que eu tenho na memória e de quando eu meus avós iam para as colônias de férias na praia, muitas das vezes minha tia ia também. Era um lugar lindo, que tinha um parque incrível todo decorado com pinturas de princesas da Disney; e sem dúvidas os momentos mais felizes das férias eram quando ondas grandes vinham e eles me levantavam no colo, nesse momento eu ficava tão feliz que tinha a impressão que podia voar. Outro fato marcante foi quando eu ganhei da minha tia (Fátima) uma boneca maior que eu, que tinha o cabelo e as roupas completamente rosa, foi o presente que eu mais amei e essa boneca (que por sinal tinha até nome, se chamava Estephane) foi minha “melhor amiga” durante muito tempo. Eu tinha muitos amigos que até hoje chamo de IRMÃOS, pois estudaram o meu período fundamental comigo (do primeiro ao quinto ano), mais nesse

círculo de amizades eu passava a maior parte do tempo com minhas amigas, Vitória, Geovana e Nathália.

Eu adorava brincar com minhas amigas de “fadas” pulando de mesa em mesa no parque da escola, e gostava muito de brincar fantasiando (também com elas) um fantasma que vivia atrás da quadra. Teve um passeio no 5º (quinto) ano para o ZOOLOGICO de São Paulo que foi incrível que foram todos os meus amigos, me diverti muito, foi o melhor passeio de escola que eu tive. Eu estudei do 1º ao 5º ano na escola Ana Manoela Barbos de Carvalho e estudo desde o 6º ano na escola Reinaldo Falleiros.”

Aluno 5:

“As lembranças que eu tenho quando pequeno são poucas, mas minha mãe sempre me auxilia com suas memórias. Eu tinha um canto de casa onde eu brincava, estudava em uma escola chamada Vitória Régia e durante o intervalo brincava com amigos de pega – pega e esconde – esconde.

Fui criado por minha mãe e meu padrasto junto ao meu irmão mais novo, meus avós e tios moram próximos então sempre convivemos e compartilhamos muitas coisas. Meus melhores amigos quando pequeno foram Gabriel, Carlos e Pablo.”

Enquanto docente me sinto realizada, sempre sonhei com um país mais justo com menos preconceito, e isso é possível se no meu trabalho inserir práticas de acolhimento e ética, para que as futuras gerações colham esses frutos.

### **Conclusão:**

As abordagens feitas pelos alunos através de viés de pesquisa e oralidade, tiveram como objetivo a valorização de assuntos étnicos.

As práticas de memórias africanas em sala de aula se consolidaram a partir de práticas rotineiras que vem mudando o ensino de história europeu que se manteve durante séculos e com “olhar de preconceito” em relação aos povos africanos.

O ensino de história só será prazeroso se nós docentes valorizarmos todos os povos e alunos que temos, essa mudança foi possível quando adquirir um olhar docente que valoriza a etnicidade e cultura brasileira, abrangendo toda a diversidade que encontramos nas escolas, principalmente públicas.

Tratando sobre escravidão.

**Desenrolar**

Adriélly Pereira da Silva 2º ano do Ensino Médio

A escravidão de resistência ou submissão?

A escravidão foi de resistência, mas não como conta a história, pois como sempre tudo é relatado pelos vencedores e não encontramos a parte real dos fatos. Sim, houve a escravidão, mas vocês acham mesmo que foi tudo tão simples assim? Acham que os portugueses chegarão e escravizarão nossos índios sem ao menos eles brigarem? Será mesmo que os brancos renderam o povo negro sem que eles revidassem? Bom, acho que não, a resistência aconteceu sim, mas não é contada e vangloriada como a história dos escravistas.